

R. P. DIDACUS MASIUS, O.P.

METAPHYSICA DISPUTATIO DE ENTE

ET EIUS PROPRIETATIBUS TRANSCENDENTIBUS

LIVRO I

Capítulo III

Sobre o ente e seus significados

Quid sint, et quo numero comprehendantur transcendentia, constitutum est in capitibus superioribus, superest iam, ut de singulis, seorsum, et sigillatim disputationem instituamus; in qua hunc ordinem observabimus, ut prius de *ente*, deinde de *uno*, mox de *vero*, et tandem de *bono* disputemus. Ut igitur a nomine *entis* initium ducamus. *Ens*, quemadmodum et *essentia*, nomina sunt Latina, nec sunt tanquam barbara contemnenda, si credimus Quintiliano, lib. VIII *Institutionum oratoriarum*, cap. III, quamvis enim illa non ita crebro fuerint a veteribus Latinae linguae antesignanis usurpata, ex usu tamen posteriorum, qui his nominibus, ut Latinis utuntur, erunt illa omnino retinenda. Est enim facultas apud usum, et Philosophorum consuetudinem, ex nominibus barbaris Latina, et ex Latinis, barbara eadem iterum reddere, et saepissime apud maiores multa nomina non significant idipsum, quod apud posteriores significare videntur, ut acute conscriptum reliquit Rodolphus Agricola lib. I *De inventione*, cap. XXIII, quod idem his carminibus eleganter cecinit Horatius, in arte Poetica:

*..mortalia facta peribunt,
nedum sermonum stet honos et gratia
vivax.
Multa renascentur quae iam cecidere,
cadentque
quae nunc sunt in honore uocabula, si
uolet usus,
quem penes arbitrium est et jus et norma
loquendi.*

Tendo, nos capítulos anteriores, estabelecido o que são e qual o número dos transcendentais, trataremos de cada um detalhada e separadamente, no que observaremos a seguinte ordem: em primeiro lugar, disputaremos a respeito do ente (*ens*), depois do uno, do verdadeiro e, por fim, do bem. Começaremos, pois, pelo nome *ente*. “*Ente*”, assim como “*essência*”, é um nome latino, e não deve ser desprezado como bárbaro se crermos no que Quintiliano diz no livro VIII das *Institutiones oratorias*, c. III. Embora tais nomes não tenham sido usados frequentemente pelos antigos latinos, é absolutamente certo retê-los como tais, haja que os posteriores fazem uso desses nomes como latinos. Mas é possível, conforme o uso e costume dos filósofos, obter nomes latinos a partir de nomes bárbaros e, por outro lado obter nomes bárbaros a partir de nomes latinos. Entre os antigos, frequentemente os nomes não significam o mesmo que parecem significar nos posteriores, como acuradamente expôs Rodolfo Agricola no livro I *De Inventione*, c. XXIII. Horácio elegantemente cantou nestes versos da *Ars Poetica* (II d 68-72):

*...perecerão as obras mortais,
nem manter-se-ão a honra e a graça vivaz
das línguas.
Renascerão muitas das que caíram, e as
que
agora estão com honra decairão se assim
quiser o uso,
em cujo poder se fazem juízo e direito e
norma da fala.*

Quare aequo animo ferre non possum quorundam hominum fastidiosorum arrogantiam, qui cum vix labiis prima elementa Philosophiae attigerint, et in scholis Grammaticorum tanquam senes edentuli diu consenuerint, veluti censores severi (quamvis iniqui) audacter has voces, *causalitas*, *identitas*, *realitas*, *haecceitas*, *universale*, *scibile*, et alias multas, a praestantissimis Philosophis usurpatas, contemnunt, et aspernantur. Verum hi tanquam Philosophiae ossores, et praestantissimarum artium imperiti, potius sunt sibilis a coetu Philosophorum explodendi, quam sit eorum leve iudicium, in aliquo praetio habendum. De his tamen haec fuerint satis; ad nostramque disputationem de Ente intermissam regrediamur. Quam ut probe perspectam teneamus, erunt breviter nonnulla de concretis et abstractis nominibus altius repetenda. Quaedam sunt nomina concreta et alia abstracta.

Nominum itaque, quaedam sunt quae significant naturas concretas, et alia sunt, quae exprimunt naturas abstractas. Concreta nomina sunt, quae significant formas alicui subiecto accommodatas, ut candidum, lucens, homo; abstracta vero sunt quae significant formas ab omni subiecto, (ut his nominibus significantur) avulsas, ut candor, lux, humanitas. Inter quae haec tria potissime intercedunt discrimina. Primum, abstracta sunt talia per seipsa, concreta vero sunt talia per abstracta: quemadmodum albedo seipsa est albedo, album vero albedine dicitur album. Secundum abstracta sunt partes concretorum, at vero concreta, sunt tota quaedam respectu abstractorum; ut humanitas pars est hominis, homo vero, est totum respectu humanitatis. Tertium abstracta, nullam continent permixtionem alterius naturae, sed puram, et impermixtam naturam significant, ut albedo, solam albedinem impermixtam denotat, concreta vero, impuram naturam, variisque accidentibus unitam significant, quemadmodum album significat albedinem cum innumeris accidentibus, ut cum calore, frigore, dulcedine, et aliis confusam. Cum ergo *ens* sit nomen concretum, et *esse* sit illius

Não posso, com efeito, suportar a arrogância de alguns homens inoportunos que, tendo apenas tocado com os lábios os primeiros elementos da Filosofia, tendo perambulado longo tempo nas escolas dos Gramáticos como velhos senis e desdentados, igual a censores severos — embora injustos — que desprazavam e rechaçavam audaciosamente a estas palavras: “causalidade”, “identidade”, “realidade”, “hecceidade”, “universal”, cognoscível e tantas outras usadas por notáveis filósofos. De fato, estes, como os que odeiam à Filosofia, e ignorantes das artes mais notáveis, não de ser rechaçados do grupo dos Filósofos como senis do que ter algum valor seus juízos frívolos. Basta de falar sobre estes. Voltemos, pois, ao nosso interrompido tratado sobre o ente. A fim de melhor examinarmos-lo, é necessário recordar brevemente algumas coisas sobre o que significam os nomes concretos e abstratos.

Entre os nomes, alguns significam naturezas concretas, e outros exprimem naturezas abstratas. Os nomes concretos são aqueles que significam formas ligadas a um sujeito, como *cândido*, *luminoso*, *homem*; e abstratos os que significam formas depuradas de todo sujeito (enquanto significam-se com esses nomes), como *candor*, *luz*, *humanidade*. Entre eles há três diferenças principais. Primeira: os abstratos são tais por eles mesmos, e os concretos são tais pelos abstratos, como a brancura é ela mesma brancura, e o branco se diz tal em virtude da brancura. Segunda: os abstratos são parte dos concretos, ao passo que os concretos são certas *totalidades* com respeito aos abstratos, como *humanidade* é uma parte do homem, e o homem é um *todo* [i.e. *uma totalidade*] com respeito à *humanidade*. Terceira: os abstratos não contém nenhuma mescla de outra natureza, senão que significam uma natureza pura e sem mescla, como a *brancura* somente denota a *brancura* sem mais, ao passo que os concretos significam uma natureza impura, unida a vários acidentes, como calor, frio, doçura e outros. Com efeito, sendo “*ente*” um nome concreto e “*ser*” o seu abstrato, estas

abstractum, haec eadem discrimina, quae interveniunt inter concreta, et abstracta, intervenient quoque inter *ens*, et ipsum *esse*, quae accurate proponuntur a Severino Boetio, in libello *De Hebdomadibus*, adhibitis eruditissimis commentariis Divi Thomae in eundem libellum. In primis *esse*, quod est abstractum, est tale per seipsum, non enim aliunde esse habet esse, sed a seipso, *ens* vero participatione ipsius *esse*, est, et consistit in se. Deinde, *esse* est quaedam pars *entis*, *ens* vero totum quoddam est respectu ipsius, componitur enim ex *essendi* forma, et subiecto quod est. Praeterea *esse*, cum nulla natura promiscetur ab eo diversa, *ens* vero, quamplurima obtinet a sua natura distincta; ut *esse*, vel *essentia* hominis, solam et impermixtam eius naturam comprehendit, verum homo, qui est in quod est, multa continet accidentia, a sua natura prorsus diversa.

His igitur de ente et esse eius abstracto explicatis, superest declarem, quid significet ipsum *esse*, a quo *ens* est id quod est. Sunt enim multi viri eruditi, qui censent, esse quod nomine *entis* exprimitur, solam existentiam denotare, et nullo modo *essentiam*, quam opinionem amplectuntur omnes illi, qui constituunt *rem*, *esse* transcendens, distinctum ab *ente*; docent siquidem *esse* significare existentiam, *rem* vero *essentiam*, quae sententia etiam placuit magistro Soto, cap. IV Antecategoriarum, q. I, in solutione tertiae rationis. Alii tamen, ut Durandus primo lib. Sent. dist. VIII, q. II, ad 6. argum; Archiepiscop. Hispalensis in eodem loco, q. I, et Philippus Mocenicus in suas Institutiones, contemplatione III, parte I, cap. II. existimant *ens* solam *essentiam* significare.

mesmas diferenças que existem entre concretos e abstratos se dão também entre o *ente* e o mesmo *ser*, como Severino Boécio propôs rigorosamente no opúsculo *De Hebdomadibus*, ao qual foram feitos comentários muito eruditos por Santo Tomás. Em primeiro lugar, o *ser*, que é abstrato, é tal por si mesmo, pois não tem [seu] *ser* recebido de outro, senão que o tem em si mesmo. *Ente*, por outro lado, consiste e é por si mesmo participação do mesmo *ser*. Em segundo lugar, o *ser* é sempre certa parte do *ente*, e o *ente* é uma certa totalidade com respeito do *ser*, pois se compõe da forma do *ser* e do sujeito que é. Com efeito, o *ente* possui muitíssimas coisas completamente distintas da sua natureza, como o *ser* ou a *essência* do homem [i.e., a *humanidade*] compreende somente sua natureza, sem mescla, ao passo que o *homem*, que é o que é, contém muitos acidentes absolutamente distintos da sua natureza.

Tendo, pois, explicado essas coisas sobre o *ente* e o *ser*, seu [correlato] abstrato, segue que declararemos o que significa o mesmo *ser*, pelo qual o ente é o que é. São, pois, muitos os homens eruditos que consideram que o *ser* que se exprime com o nome de *ente* somente denota a existência, e de maneira alguma [denota] a *essência*, opinião essa abraçada por todos aqueles que sustentam que *coisa* é um transcendental distinto de *ente*. Com efeito, [estes] ensinam que *ser* significa a existência, e *coisa* [significa] a *essência*, sentença essa que agradou ao mestre Soto, no capítulo IV das *Antecategoriarum*, q. I, na solução da terceira razão. Outros, como Durando no lib. I das *Sententiarum*, dist. VIII, q. II ad 6, o Arcebispo de Sevilha¹ no mesmo lugar, q. I, e Fillipo Mocênico, nas suas *Institutiones*, na contemplação III, parte I, cap. II, por sua vez, consideram que *ente* significa somente a *essência*.

¹ N.T.: Refere-se aqui a Diego Deza (1444-1523), autor das *Novarum deffensionum doctrinae Angelici Doctoris D. Thomae*.

Ut tamen in hac re veram sententiam explicemus; annotandum est primo, in nominibus aliud est esse illud a quo nomen imponitur, et aliud illud ad quod significandum est nomen impositum, quemadmodum passim observat D. Thom. Ut in nomine *lapidis* exemplo satis protrito, licet intueri, in quo illud a quo nomen est impositum, est *laesio pedis*, illud vero ad quod significandum est impositum, non est *laesio*, sed substantia quaedam corporea inanimata.

Praeterea animadvertimus, nomen *entis* sumi posse duobus modis, vel ut est participium verbi substantivi *sum*, denotatque idem quod *existens*; vel ut est nomen substantivum eiusdem verbi, qua ratione significat *idem quod habens naturam, et essentiam*: quemadmodum haec vox *Vivens*, his eisdem modis sumi potest, ut vel est participium verbi *Vivo*, qua ratione significat *actum vivendi*, et non essentiam viventis, opponiturque *mortuo*, vel ut est nomen substantivum eiusdem verbi, quomodo significat essentiam viventis, contineturque in categoria substantiae, tanquam attributum essenziale, immediate sub corpore comprehensum: et haec est illa tam decantata divisio entis, in *ens nominaliter*, et *participialiter* sumptum, quam apud Caietanum, Ferrariensem et apud alios gravissimos Philosophos frequenter legimus. Cum igitur his duobus modis ens sumi possit, si iuxta nominis impositionem, vel iuxta illud a quo nomen est impositum usurpetur, solum *actum existendi* significat, ab eo enim fuit haec vox, *Esse*, imposita rebus quemadmodum etiam actus eisdem rebus existentibus, ut et motus, fuerunt imposita, ut auctor est Arist. IX *Metaph.* cap. III. At vero iuxta illud ad quod significandum est nomen impositum, esse non tantum existentiam, sed etiam essentiam significabit. Unde tam essentia, quam existentia nomine entis significabuntur. Quod confirmare possumus testimoniis Arist. et D. Thomae, qui multis in locis docent ens aliquando significare essentiam, et aliquando existentiam. Quamvis in eo differant apud Aristotelem quod ens

Mas para que possamos explicar a verdadeira sentença sobre esse assunto, deve-se advertir, em primeiro lugar, que nos nomes uma coisa é aquilo do qual o nome vem imposto, e outra é aquilo que se quer significar ao impor o nome, como observa S. Tomás em distintos lugares. Como se pode ver no exemplo bastante comum do nome [latino] *lapis* (trad. pt.: *pedra*): aquilo do qual o nome foi imposto é a *lesão do pé* [lat.: *laesio pedis*], mas aquilo pelo qual se impôs esse nome para significar não é a *lesão*, mas a substância corpórea inanimada.

Além disso, advertimos que o nome de *ente* pode ser tomado de dois modos: como participio do verbo substantivo *sum*, que denota o mesmo que *existente*; ou então como nome substantivo do mesmo verbo, cuja razão significa *aquilo que tem natureza e essência*, como a palavra “vidente” [que], de igual modo, pode ser tomada como participio presente do verbo *viver*, pelo que significa o *ato de viver*, não a essência do *vivente*, e se opõe a *morto*; ou então é um nome substantivo do mesmo verbo, que significa, assim, a essência do *vivente* e estaria sob a categoria de substância como atributo essencial compreendido imediatamente sob *corpo*: e esta é aquela tão repetida divisão do ente entre ente assumido *nominalmente* e [assumido] *participialmente*, que frequentemente lemos em Caetano, no Ferrariense e noutros importantíssimos filósofos. Com efeito, podendo-se tomar o *ente* desses dois modos, se se toma segundo a imposição do nome, isto é, por aquilo d’onde vem sua imposição, significa somente o *ato de existir*, pois a partir dele foi aplicada a palavra *ser* às coisas, do mesmo modo como foram atribuídos os atos às mesmas coisas existentes, e como o movimento, como disse Aristóteles no livro IX da *Metafísica*, cap. III. Mas segundo aquilo para cujo significado é aplicado o nome, *ser* significará não apenas a existência, senão também a essência. Pelo que com o nome de *ente* se significarão tanto a essência como a existência, o que podemos confirmar com os testemunhos de Aristóteles e Santo Tomás, os quais ensinam em muitos lugares que algumas vezes *ente* significa a essência e noutras a

significatum in casu accusandi, significat existentiam; significatum tamen in casu dandi significat essentiam, ut constare poterit ex his duobus locis, quorum primus est petitus ex III *De Anima*, cap. IV, ubi ita habet: *Aliud est magnitudinem esse, et aliud magnitudini esse*, id est: alia est existentia, et alia essentia magnitudinis; alter vero est collectus ex VII lib. *Met.* c. VII, in quo ita loquitur: *Aliud est bono esse, et aliud bonum esse*, id est: Alia est essentia, et alia existentia boni. Deinde, ut ad D. Thomam accedamus, ens significare existentiam est apud ipsum certissimum, ut ex innumeris eius locis constare poterit. Significare vero essentiam, quod est magis dubium apud eum, suadere possumus ex *Quodlibeto*. II. q. II art. 1.; quaest. I. *De Malo*, art. 1 ad penultimum argumentum; q. XXI *De Veritate* art. 1. ad primum, et art. 4 ad quartum, in quibus locis, aperte satis profitetur, ens significare essentiam, et naturam rerum omnium, essentiali definitione significatam.

Praeterea *Ens* non tantum significare existentiam, sed etiam essentiam, ita confirmamus. Omnes scientiae agunt vel de Ente in communi, ut prima Philosophia, vel de aliqua parte Entis, ut aliae scientiae privatae, auctore Arist., IV *Metaph.* cap. I, at scientiae non agunt de rerum existentibus, parum enim illae curant, sintne, vel non sint, earum obiecta a parte rei, quia scientiae tantum versantur in obiectis perpetuis, existentiae vero rerum non sunt perpetuae, cum aliquando res existant, et aliquando non existant, ergo *Ens* non tantum existentiam, sed etiam essentiam significabit.

Caeterum cum *Ens* sumi possit, vel ut est participium, vel ut est nomen, haec duo hac lege significabit, *Ens* quod est participium, significat existentiam; illud autem quod est nomen substantivum, significat essentiam; et ita *esse* quod est abstractum Entis, si sumatur ut est abstractum Entis sumpti ea ratione qua est participium, idem erit quod existentia; si vero sumatur ut est abstractum Entis ea ratione qua

existência. Em Aristóteles diferem, pois *ente* expresso no caso acusativo significa a existência, mas expresso no caso dativo significa a essência, como pode ser constatado nestes dois lugares, o primeiro dos quais é tomado do livro III *De Anima*, cap. IV, onde diz: “*uma coisa é a ‘magnitudinem esse’, e outra a ‘magnitudini esse’*”, isto é, a primeira é a existência e a segunda é a essência da magnitude. O segundo é tomado do livro VII da *Metafísica*, cap. VI, onde diz que uma coisa é “*bono esse*” e outra “*bonum esse*”, isto é, uma é a essência e outra a existência do bem. Passando agora para Santo Tomás, é certíssimo que nele *ente* significa a existência, como se pode ver em inumeráveis passagens suas. Mas que significa essência, o que é mais duvidoso nele, podemos defendê-lo pela II *Quodlibeta*, q. II, art. 1; *De Malo*, q. I, art. 1 ao penúltimo argumento; *De Veritate*, q. XXI, art. 1 ad 1, e art. 4 ad 4; lugares em que professa com bastante clareza que *ente* significa a essência e natureza de todas as coisas, expressa na definição essencial.

Ademais, confirmamos [pelo seguinte argumento] que *ente* não somente significa somente a existência, senão também a essência: todas as ciências tratam ou do ente em geral, como a Filosofia Primeira, ou de alguma parte do ente, como as ciências particulares, segundo Aristóteles no livro IV da *Metafísica*, cap. I, dado que as ciências não tratam de coisas existentes, e pouco se preocupam se seus [respectivos] objetos existem ou não por parte da coisa, porque as ciências somente tratam de objetos perpétuos, ao passo que as existências das coisas não são perpétuas, já que algumas vezes existem e outras não. Portanto, *ente* não significará somente a existência, mas também a essência.

Por outro lado, como *ente* pode ser tomado ou como participio ou como nome, segundo esse princípio significará estas duas coisas: o ente como participio significa a existência e o ente como nome substantivo significa a essência; e desse modo, o *ser*, que é o [correlato] abstrato do *ente*, se se usa como abstrato do ente tomado segundo a razão pela qual é participio, será o mesmo que a

est nomen, idem erit quod essentia.

Quod si quis opponat nobis auctoritatem Aristotelis ex II *De demonstr.*, cap. VII, Ens non esse attributum essenziale, neque significare essentiam, sed existentiam: respondendum erit, Arist. locutum fuisse de Ente participialiter, quod solam existentiam denotat; loquebatur enim in eo loco de Ente, quod concluditur de subiecto per demonstrationem, quod non est aliud quam existentia proprietatis in subiecto, concludimus enim per demonstrationem, actualement unionem proprietatis in subiecto, quae unio, et in proprietatibus, et in aliis accidentibus est eorum naturalis existentia, ut in alio loco docuimus.

Annotat etiam Picus Mirandulanus, in libello *de Ente et Uno*, cap. VI, duas esse Entis significationes, unam late patentem, in qua *Ens* significat quicquid *non est nihil*, et alteram angustiore, in qua tantum significat *id quod est*. Si *Ens* sumatur in prima significatione, nullum est medium inter ipsum et nihil, quia ratione verum est illud pronuntiatum Metaph. De qualibet re, vera est affirmatio, vel negatio, de nulla vero, ambae simul, vel impossibile est idem simul esse et non esse. Quod si in altera significatione usurpetur, datur medium inter *Ens*, et nihil, scilicet ipsum esse abstractum, quod neque est nihil, ut est apertum, neque *Ens*, quia esse non est id quod est, sed est id quo medio aliquid est, ut acute explicat D. Sever. Boet., in libell. *de Hebdomadibus*, his verbis, ita dicens: *Diversum est esse, et id quod est, ipsum enim esse, nondum est, at vero id quod est, accepta essendi forma est, atque consistit in se*. Quemadmodum enim albedo, non est alba, sed est illud quo medio nix est alba, et quemadmodum iustitia non est iusta, sed est illud quo medio homo est iustus; ita quoque esse, non est id quod est, sed est illud quo medio aliquid est: quare sumpto Ente in hac significatione, non erit verum illud pronuntiatum.

existência; se, por outro lado, se usa como [correlato] abstrato do *ente* segundo a razão pela qual é nome, será o mesmo que essência.

Se alguém nos opõe a autoridade de Aristóteles, a partir do livro II *De demonstr.*, cap. VII, [dizendo] que o *ente* não é um atributo essencial, nem significa a essência, mas a existência, responder-se-á que Aristóteles falava do ente [considerado] participialmente, que significa somente a existência, pois naquele lugar falava do ente que se conclui do sujeito por demonstração, o qual não é outra coisa que a existência de uma propriedade no sujeito, visto que concluímos por demonstração a união atual de uma propriedade com o sujeito, união essa que consiste na existência natural das propriedades e os acidentes, como mostramos noutra lugar.

Adverte também Pico della Mirandola, no opúsculo *De Ente et Uno*, cap. VI, que há dois significados de *ente*: um em sentido lato, pelo qual *ente* significa tudo o que não é *nada*, e outro mais preciso, pelo qual se significa *aquilo que é*. Se se toma o *ente* no primeiro sentido, não há um termo médio entre ele e o nada, pelo que é verdadeiro aquele adágio da Metafísica, [segundo o qual] *de qualquer coisa, é verdadeira é ou a afirmação, ou a negação, mas nunca ambas, ou é impossível que uma mesma coisa seja e não seja ao mesmo tempo*. Se se lo toma no segundo sentido, há um termo médio entre o ente e o nada, a saber, o mesmo ser abstrato, que não é [um puro] *nada*, como é claro, nem é *ente*, porque o ser não é *aquilo que é*, mas *aquilo por meio do qual alguma coisa é*, como explica acuradamente Severino Boécio no opúsculo *De hebdomadibus* nessas palavras: *é distinto o ser e aquilo que é, porque o mesmo ser não é, mas o que é consiste em si e é ao receber a forma de ser*. Assim como a brancura não é branca, senão aquilo pelo qual a neve é branca, e como a justiça não é justa, senão aquilo pelo qual o homem é justo, da mesma maneira o ser não é aquilo que é, mas aquilo pelo qual alguma coisa é; pelo que, tomado *ente* nesse sentido, aquele enunciado não seria verdadeiro.

Verum adversus haec dicet aliquis: quidquid non est Ens est non Ens, si ergo esse abstractum non est Ens, erit non Ens, sed quod est non Ens, est nihil, ergo esse abstractum erit nihil.

Ut tamen huic dubitationi satisfaciamus, observandum erit, nonnulla attributa, posse duobus modis ab aliquibus subiectis denegari: primo quia rationes attributorum non possunt ullo modo illis subiectis convenire, qua ratione negamus a candore atrorem, et a calore frigus, quia neque ratio candoris atrori, neque ratio caloris potest frigori convenire. Secundo, quia rationes attributorum nobiliori modo reperiuntur in subiecto quam exprimantur per nomen attributi, qua ratione a candore negamus esse candidum, non quod candor sit atror, sed ex eo quod ratio candidi praestantiori modo reperitur in candore abstracto, quam in candido concreto reperiatur: hac igitur ratione, ab esse negamus Ens; non quod esse sit non Ens, sed ex eo quod ratio Entis longe nobiliori modo in esse abstracto reperitur, quam in Ente concreto possit reperiri.

Mas alguém dirá contra isto: tudo aquilo que não é ente é, pois, não-ente. Ora, se o ser abstrato não é ente, então será não-ente, e o que é não-ente, é nada. Portanto, o ser abstrato é nada.

Para satisfazer esta dúvida, será preciso observar que alguns atributos podem ser negados de algum sujeito de dois modos: primeiro, dado que as noções dos atributos não podem convir a estes sujeitos de modo algum, negamos a brancura do negro e o frio do calor, pois não pode convir nem a razão do negro à da brancura, nem a do frio à do calor. Segundo, porque as noções dos atributos encontram-se no sujeito de modo mais nobre do que significam através do nome de atributo, negamos que a brancura seja branca, não porque a brancura é negra, mas porque a razão da brancura encontra-se de modo mais nobre na brancura abstrata do que do branco concreto, razão por que negamos o ente do ser, não porque o *ser* seja não-ente, senão porque a razão de *ente* se diz de modo muito mais nobre no ser abstrato que como pode ser dita em um ente concreto.